

**Raquel Ramos**

# Volta ao mundo na mota do meu pai

Ilustrações de **a.mar**

**coolbooks**

*Para todos os Jaimes  
das ilhas deste país.*

*Se o homem falhar em conciliar a justiça e a liberdade, então falha em tudo.*

Albert Camus

## Índice

1. A mota do meu pai.....	11
2. O Bairro das Andorinhas.....	17
3. A bufona do Bairro das Andorinhas.....	23
4. A família do velho Perna de Ouro.....	33
5. Volta ao mundo na mota do meu pai.....	39
6. Um bando de patos é visto a voar sem cabeça.....	49
7. As lições de inglês.....	55
8. O senhor Saltão.....	63
9. Remorsos de um rapaz devasso.....	69
10. A Maria dos olhos verdes.....	77
11. O meu amigo Jaime.....	85
12. Volta ao mundo na mota do meu pai.....	95
Uma história dentro da História... ..	107

## 1. A mota do meu pai

Há muito, muito tempo, quando era um rapaz da tua idade e vivia numa pequena ilha rodeada de castanheiros, oliveiras e carvalhos que conheciam histórias centenárias mas não as contavam a ninguém, a minha forma preferida de dar a volta à ilha e de regressar à Casa do Roseiral era na mota do meu pai.

O meu pai era na altura, na cabeça de um rapaz de dez anos, um herói que tinha participado na guerra em África e tinha matado muitos homens. Era um herói que conhecia os caminhos todos que davam a volta à ilha e os podia fazer de olhos vendados na *Famel*. Era um herói que – se quisesse – abria os braços e deixava que a mota o levasse a voar por todas as terras que circundavam a ilha onde morávamos.

Desde que chegara da guerra e que prometera à minha mãe que um dia iria levá-la para fora daquela ilha, o meu pai passava os dias na forja ao lado da Casa do Roseiral. Afiava os picos que precisava para cortar o granito ou martelava horas seguidas até dar forma às pedras que usava para fazer os trabalhos que lhe

eram encomendados. Encomendavam-lhe alguns trabalhos, embora, na opinião da minha mãe, lhe pagassem muito pouco pelo suor que resultava do esforço.

Quando eu sentia o barulho e o cheiro da forja, descia muitas vezes as escadas da Casa do Roseiral e, sempre calado, sentava-me no último degrau, onde permanecia a observá-lo. Às vezes, aproximava-me, pegava no fole e atiçava as brasas para que não arrefecessem e o ferro moldasse mais depressa. Quando ele achava que já tínhamos trabalhado muito, pousava o martelo na bigorna e dizia:

– Agora, vamos fazer uma pausa!

Fazia muitas pausas, mas acho que as fazia em segredo. É que quando ouvia a minha mãe ou a avó por perto, a subir ou a descer as escadas da Casa do Roseiral para levarem uma encomenda de roupa nova ou de roupa engomada aos senhores que viviam no Bairro das Andorinhas, o meu pai escondia, apressadamente, as figuras que moldava em pedra ou ferro e fingia que continuava com os seus trabalhos, batendo com uma força desproporcional num pico que ficava sempre de lado para essas ocasiões.

– Não demoro nada. Já volto! – dizia a minha mãe. E partia com um cesto debaixo do braço esquerdo, cheia de vida, a contar as horas até ao dia em que o meu pai a levaria para fora daquela ilha.



Mal ela dobrava a esquina, ele regressava, com os olhos cheios de fantasia, às suas esculturas. Moldava figuras humanas de tamanho minúsculo, que eu colocava em filas, e pequenas armas em ferro para pormos ao ombro de cada uma das figuras. Por vezes, enquanto eu me entretinha a imaginar batalhas nas terras distantes de África, onde ele dizia que tinha combatido, o rosto de uma mulher ou formas estranhas que faziam lembrar pássaros a voar saíam-lhe das mãos.

Mas talvez não fossem pássaros. Talvez fossem motas voadoras que o iriam levar para fora daquela ilha aquilo que lhe saía das mãos.

Às vezes, a minha mãe, incitada pela avó, que vivia no Bairro da Capela, numa casa cheia de fotografias de parentes antigos que moravam no Brasil e na América, virava-se para o meu pai:

– Não te entendo! O Joaquim saiu no mês passado com o António. Já escreveu a contar que está tudo bem e a Lúcia, em breve, junta-se a ele. Só tu é que... é que nunca mais! Vamos apodrecer aqui! Tu, nessa forja, e eu, na máquina de costura.

Quando essas conversas aconteciam – e ultimamente aconteciam cada vez com mais frequência –, o meu pai, que era um herói que tinha participado na guerra em África e tinha matado



muitos homens, olhava para mim, abria muito os olhos, encolhia os ombros, pegava na mota, que estacionava ao lado da forja, debaixo do roseiral, e, com a cabeça a fantasiar, dizia:

– Anda! Vamos dar uma volta!